

A questão da sexualidade na configuração do campo psicanalítico: divergências entre Krafft-Ebing e Freud

Luisa Gola Conti

Orientadora: Ana Maria Loffredo

Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo

luisa.conti@usp.br

Objetivos

A pesquisa teve como objetivo investigar em que aspectos e de que modo a psicanálise freudiana rompeu com o conceito de sexualidade, conforme desenvolvido por outros teóricos de sua época, dando destaque para a relação entre suas formulações e as de Krafft-Ebing. Assim, também foi possível pesquisar o que há de inédito na definição proposta por Freud sobre a sexualidade, em relação ao pensamento do psiquiatra alemão.

Para isso, foram investigados três eixos: 1) um panorama histórico do desenho da sexualidade por Freud, até 1905; 2) uma comparação entre Freud e Krafft-Ebing, no que diz respeito ao conceito de *sexualidade*; e 3) as inovações que a obra freudiana trouxe para a definição de sexualidade.

Métodos e Procedimentos

O método utilizado foi o da análise intra e inter textual. Em um primeiro momento, realizou-se um levantamento do que foi publicado na literatura psicanalítica acerca do desenvolvimento do conceito de sexualidade, conforme realizado por Freud, em contraponto ao pensamento de Krafft-Ebing. Para tanto, foram consultadas bases de dados, revistas e periódicos nacionais e internacionais.

Em seguida, foi realizado um retorno a obras freudianas e de comentadores que tratam do percurso realizado por Freud em relação ao estudo da sexualidade, entre 1890 e 1905,

dando atenção especial para as questões envolvendo a histeria.

Também foi realizada uma leitura pormenorizada de duas obras fundamentais, para um entendimento mais profundo, em termos teóricos, das relações entre Krafft-Ebing e Freud: "*Psychopathia Sexualis*" (Krafft-Ebing, 1886/2001) e "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (Freud, 1905/2016).

Por fim, as semelhanças e diferenças entre as propostas de Freud e Ebing em relação ao conceito de sexualidade foram destacadas com o auxílio da comparação entre dois casos. Assim, foi possível esclarecer quais foram os principais aspectos inovadores apresentados por Freud quanto ao conceito de sexualidade, em relação ao pensamento desenvolvido pelo sexólogo, em sua obra "*Psychopathia Sexualis*".

Resultados

Krafft-Ebing foi o primeiro a envolver o aspecto científico ao falar sobre patologias em que a sexualidade estava implicada, mas deslizava constantemente para o aspecto *moral e religioso* da sexualidade. Condenava como patologias todas as formas de sexualidade que se desviassem do modelo heterossexual, monogâmico, genital e voltado exclusivamente para a reprodução. Já Freud, apesar de, em alguns momentos, também se manter colado às noções de moralidade, afastou-se da catalogação pejorativa feita pelos sexólogos de sua época e passou a estudar as perversões sexuais de modo a reportá-las a uma estrutura ligada a certo estágio da evolução subjetiva.

Para Ebing, a sexualidade era algo que se desenvolvia apenas após a puberdade e durante a vida adulta. Além de abrir espaço para pensar a sexualidade na infância e na velhice, Freud também concedeu um enfoque maior às mulheres.

Se o conceito fundamental para Krafft-Ebing era o de instinto sexual, Freud inovou a partir de sua noção psicanalítica de pulsão. Ele sustenta que a pulsão não tem um objeto pré determinado e não se limita à função de reprodução, de modo que o objeto deverá ser encontrado ou constituído no desenrolar do desenvolvimento do indivíduo, podendo ir muito além da genitalidade (Monzani & Bocca, 2015). A partir desse afastamento entre as noções de pulsão e instinto, Freud também deixou evidente o quão tênue é a distinção entre normalidade e patologia.

Enquanto a obra do sexólogo pode ser descrita como uma descrição e classificação das diferentes patologias sexuais, Freud desenvolveu uma teoria por meio de sua conceitualização metapsicológica.

Conclusões

Tanto Krafft-Ebing quanto Freud revolucionaram a forma de pensar de seu tempo e trouxeram contribuições extremamente relevantes para o estudo da sexualidade humana, não se tratando de uma relação contraditória, e sim, complementar. Entretanto, se Ebing estudava as perversões apenas do ponto de vista anatomopatológico, o pai da psicanálise inseriu na equação o conceito de pulsão, inconsciente e busca pelo prazer. Ele traçou considerações inéditas, mas é impossível não relacioná-las com as contribuições do sexólogo, também muito inovadoras.

Freud abordou as perversões tanto como um paradigma da sexualidade humana quanto como uma estrutura clínica específica, como são as neuroses e as psicoses. Presente em todos os seres humanos, desde a infância até a velhice, é impossível negar a expansão que o conceito de sexualidade sofreu com o pensamento freudiano, tanto em termos de relevância em nossas vidas, quanto em termos de significados (Laplanche, 1969/1980).

Referências Bibliográficas

- Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Krafft-Ebing, R. V. (2001). *Psychopathia Sexualis*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1886)
- Laplanche, J. (1980). *La Sexualidad*. Buenos Aires, Bs.As: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1969)
- Monzani, L., & Bocca, F. (2015). *Novo aporte ético em face da concepção freudiana da sexualidade*. Ipseitas, 1(1). Recuperado de <http://www.revistaipseitas.ufscar.br/index.php/ipseitas/article/view/35>